

GEOGRAFIA E MODERNIDADE

**GARCIA, Taciela Nunes¹, ABREU, Maria Lidia P.²
VIEIRA, Sidney Gonçalves³**

¹ Universidade Federal do Rio Grande, Mestranda do Programa de Pós Graduação em Geografia- taciela.garcia@yahoo.com.br, ² Universidade Federal de Pelotas, acadêmica do Programa de Especialização em Metodologia do Ensino em Geografia – lidiaabreu@ibest.com.br;

³ Universidade Federal de Pelotas, orientador- sid_geo@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A geografia é uma ciência que mudou por diversos períodos o seu objeto de estudo, ora sendo estritamente naturalista ora sendo extremamente humana, em outros momentos unindo o homem à natureza. Contudo foi num período da história da epistemologia da ciência geográfica que ocorreram maiores e sérios conflitos metodológicos e fenomenológicos a cerca do objeto de estudos dos geógrafos. Esse período ficou conhecido como Modernidade. Como a modernidade contribuiu para a definição do então objeto de estudo da geografia nos tempos contemporâneos, a interação das relações entre o homem e a natureza, é a proposta deste trabalho, que está envolto à área da geografia humanista. Visto que as alterações que ocorreram para que a ciência geográfica se tornasse uma ciência social concretizaram- se conforme era discutida por geógrafos, a real importância da participação ativa ou não do homem na natureza e mesmo no espaço urbanizado.

Este trabalho visa compreender a modernidade, que se estabeleceu no século XIX. Um período que serviu como divisor de águas para a geografia, na medida em que, finalmente, foi consagrada como uma ciência social propriamente, cujo objeto de estudo seria a relação entre o homem e a natureza.

No final do século XVIII, com os iluministas, no confronto da ciência moderna e o Romantismo, já se reconheciam dois geógrafos que apresentaram alguns indícios da geografia moderna, pois sistematizaram a explicação e fizeram uma descrição da geografia de forma metódica. São eles: Humboldt e Ritter, ambos com visões opostas da relação homem- natureza, o primeiro com estudos mais históricos e o segundo sendo mais naturalista e “determinista” dos fatos que ocorriam nessa relação, sem negar o humanismo presente.

No século XIX há uma compartimentação do saber geográfico, onde se estabelece a divisão entre a geografia física e a geografia regional, período conhecido pela fundação da geografia clássica. Nesse momento, há uma dualidade de objetos de estudos, onde ocorre a fragmentação da ciência e dos estudiosos em dois grupos de estudo distintos e, teoricamente, bem resolvidos com relação a pesquisa que realizam.

A modernidade nasce quando em meados anos 50, o objeto da geografia passa a envolver a sociedade como um todo. A intenção era trazer inovações que romperiam com a tradição dos tempos passados, mesclando, agora, o que antes estava disperso, a interação passa a ser, novamente, o centro das atenções da relação da sociedade com o ambiente. HARVEY (1996) chama a atenção para o aspecto estético do modernismo, sendo marcado por um movimento dual entre o transitório e o eterno, a característica deste processo é a ausência da

preservação dos laços com o passado, pois essas inovações mexeriam com a estrutura da relação humana com o ambiente natural. A principal proposta da modernidade seria a valorização dispensada às inovações tecnológicas, onde o saber seria a interface das discussões, além de uma importância à ciência do racionalismo negando a subjetividade humana, ou seja, a razão estaria em primeiro lugar dispensando o emocional do homem, a oposição entre o novo e o tradicional, esse foi, o maior embate dos modernistas. Esse discurso irá compor a discussão da modernidade. Conforme salienta GOMES (2000):

“[...] o discurso do saber é sem dúvida a interface que atravessa o conjunto de discussões da modernidade. A nova ciência é, portanto, um dos fundamentos, talvez o mais importante, do que normalmente se identifica como sendo o novo código de valores da modernidade. A geografia foi desde a Antiguidade responsável pela descrição e pela criação de uma imagem de mundo. Assim, enquanto descrição e imagem de mundo, o discurso geográfico procura, na modernidade, ser um discurso científico e moderno. Ele reproduz, assim, as características fundamentais da época e acompanha todas as suas modificações. A história da ciência pode, então, ser considerada como a história do *imago mundi* da própria modernidade”.(GOMES, 2000, p.28)

Para essa discussão se institui dois pólos epistemológicos distintos, um racional e outro romancista.

O primeiro, que surgiu no Iluminismo, Século das Luzes, terá como base a universalidade da razão, onde todo o ser humano tem a tendência de agir de forma pragmática e lógica, o pensamento é tido como racional e a sua comprovação se dará através de provas de demonstração que tornarão esse pensamento como sendo o mais aceito perante a sociedade. Ocorreria o envolvimento da técnica como forma de trabalho, as indústrias como forma de expansão da economia das cidades e o homem considerado como uma ferramenta de uso para aumento da fabricação em série. Uma das perspectivas geográficas que irá tratar a sociedade de forma racionalista será o positivismo, pois os positivistas percebem o conhecimento como sendo normativo, com procedimentos uniformes e precisam de uma obediência à racionalidade restrita. O positivista Augusto Comte apresenta a ciência social na definição de desenvolvimento científico.

O outro pólo epistemológico, que surge também no Século das Luzes, será as chamadas contracorrentes. São perspectivas que abordam a racionalidade humana não como universal, onde todos pensam e agem de forma mecânica, mas sim valorizam o que é único, o individualismo e o subjetivo dos homens, a particularidade dos pensamentos de ser humano e a valorização do sentimento. São perspectivas que seguem os ideais do Romantismo, escola que irá romper com a concepção de história pré-determinada por uma entidade divina e de um mundo máquina, onde as coisas que acontecem são previsíveis. Conhecido como contracorrente porque suas linhas de estudo são reconhecidas por agirem contra a visão racional e técnica da sociedade, utilizando-se da Hermenêutica, a arte da interpretação, e da Fenomenologia como métodos de estudo. Um exemplo dessas correntes é o Possibilismo de Vidal de La Blache, que acredita que o homem faça parte da natureza e não somente haja sobre a mesma de forma mecanicista. La Blache também trabalhará com o Gênero da Vida, tratando da forma com que cada grupo desenvolve sua maneira de ser e de

viver, são um conjunto de atitudes formadas dentro dos princípios de cada grupo formado.

Sobre a divisão em pólos epistemológicos, GOMES (2000) ao escrever a obra *Geografia e Modernidade* entende ser a modernidade construída:

“[...] sob a forma de um duplo caráter: de um lado, o território da razão, das instituições do saber metódico e normativo; do outro, diversas ‘contracorrentes’, contestando o poder da razão, os modelos e métodos da ciência institucionalizada e o espírito universalizante”. (GOMES, 2000, p. 26).

Assim se fundamenta a modernidade, sob a diversidade de focos e perspectivas geográficas, que buscam em cada um de seus modos de pensar, fundamentos que possam estabelecê-las como um novo estudo geográfico e o seu objeto como sendo o objeto da geografia. Essa disputa incorporará e dará sentido ao significado do período, considerada por alguns a época de renovações, quebra de paradigmas e de tradições a cerca do modo de vida humano e dos conceitos até então considerados sacramentados, mas, também, considerada por outros autores como sendo um período de inovações mentais, buscas subjetivas, valorização das necessidades intrapessoais. Conforme observa, GIDDENS (2002) “A modernidade é uma ordem pós-tradicional, mas não uma ordem em que as certezas da tradição e do hábito tenham sido substituídas pela certeza do conhecimento racional”.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A base metodológica do trabalho é fundamentada em pesquisas bibliográficas, por ser um estudo histórico da constituição da ciência geográfica.

A partir da busca de referenciais da temática será possível uma montagem cronológica do trabalho e desta forma organizar a história da constituição e estabilização da modernidade e a sua participação da consolidação do objeto geográfico.

O método de estudo será a revisão bibliográfica com enfoque dado à hermenêutica- fenomenológica, por se tratar de uma observação direta e de uma interpretação de textos a cerca do assunto, a partir do então será montado um trabalho de caráter epistêmico da geografia.

As buscas das informações ocorreram até o momento, em bibliotecas, sites de história da geografia, acervos de autores *on line* e estudos realizados por demais estudiosos da área.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O trabalho está em fase de construção histórica da relação entre a geografia e a modernidade.

Até o presente momento, se tem uma breve explanação histórica, de onde se extraiu as informações contidas no artigo, onde já é possível visualizar a interação que há entre a constituição da modernidade e a consolidação do objeto de estudo e da formação social da geografia.

A partir de agora serão aprofundadas as leituras de forma que será realizado um esquema histórico que permita a visualização das perspectivas que surgiram a partir da modernidade.

Com relação aos resultados até o presente momento, são considerados satisfatórios na medida em que se fazem relevantes para a pesquisa da epistemologia da ciência geográfica.

4. CONCLUSÕES

Este trabalho irá incorporar ao meio acadêmico um parecer a cerca da importância e relevância da temática da geografia humana, por ser composto de um estudo acerca da participação do homem no objeto de análise dos geógrafos.

Além de abordar a questão da influencia da modernidade na formação de diversas correntes geográficas, qual a real importância dessa modernidade nessa formação.

Desta forma conclui-se que conhecer a epistemologia da geografia sob o ponto de vista dos modernistas e das perspectivas formadas a partir desse período fará com que se compreendam as sociedades contemporâneas. Visto que a valorização do homem em relação à natureza sendo como ser atuante ou co adjuvante, demonstra o que é visto hoje na ocupação dos territórios pelas sociedades, na formação espacial e nas propostas humanas de utilização da natureza como seu bem material em favor de suas necessidades pessoais e, também, subjetivas. Considerando que para a geografia atual as relações homem e natureza se dão a partir de uma troca mútua de benefícios.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GOMES, P. C. da C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2000, 2ª ed.
- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- HABERNAS, J. **Dialética e hermenêutica**. Tradução de Álvaro Valls. Porto Alegre: LEPM, 1987.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992, 6ª Ed.
- MARTINS, J. de S. **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996.